

# “Fazei Tudo o que Ele vos Disser”: a relação de Jesus com as mulheres do seu tempo e o pensamento androcêntrico dos cristãos - uma análise

*“Do whateverhetellsyou”: Jesus' relationship the women of his time, and the androcentric thought of Christians - ananalysis*

Edilmar Alcântara dos Santos  

## Resumo

Busca traçar um paralelo entre a relação da personagem bíblica Jesus com as mulheres do seu tempo, passando pela forma com que seus seguidores estabeleceram as bases do que veio a ser chamado de cristianismo, e a visão androcêntrica dos cristãos. A presente análise debruça-se em trechos bíblicos em que se observa a dinâmica de Jesus com as mulheres, sobretudo, na quebra de estereótipos alicerçados na tradição patriarcal. Por meio de pesquisa exploratória, ancora-se em estudos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, e observa o quão desigual é a sociedade brasileira no que tange a relação de gênero. Conclui que é necessário a elaboração de políticas públicas que visam uma sociedade mais equânime, em que as diferenças sociais sejam todas superadas.

**Palavras-chave:** Questão de Gênero. Jesus e Mulheres. Aspectos Sociais.

## Abstract

It seeks to draw a parallel between the relationship of the biblical character Jesus with the women of his time, through the way in which his followers laid the foundations of what came to be called Christianity, and the androcentric view of Christians. This analysis focuses on biblical passages in which the dynamics of Jesus with women are observed, especially, in the breaking of stereotypes based on patriarchal tradition. Through exploratory research, anchorsis presented in studies presented by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), Institute of Applied Economic Research (IPEA), and the Brazil forum of Public Security, and observes how unequal brazilian society is in terms of gender relations. It concludes that it is necessary to develop public policies aimed at a more equitable society, in which social differences are all overcome.

**Keywords:** Gender Issues. Jesus and Women. Social aspects.



# folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1. p. 134-160, jan./abr. 2021. ISSN 2447-0120. DOI [10.46902/2021n1p134-160](https://doi.org/10.46902/2021n1p134-160).

## 1 Introdução

Ao analisarmos a sociedade do nosso tempo, somos impelidos a olharmos para o passado, afim de indentificarmos os pilares que constituem tal sociedade. A construção das sociedades Ocidentais perpassa a tradição helênica no que diz respeito aos marcos filosófico, ético e moral, bem como se alicerça na tradição cristã como baliza principal que determina costumes, normas e ritos.

Ao longo dos tempos, pode-se obsevar o tratamento dispensado ao ser social mulher. Diante de uma estrutura hierarquizada criada por homens, ou, segundo Harari (2018), hierarquias imaginadas, as mulheres que nas sociedades coletoras tiveram um papel preponderante na organização social da horda (ENGELS, 2012; SAFFIOTI, 2015), foram perdendo cada vez mais espaço de importância, sendo até mesmo ridicularizadas, uma vez que a mentalidade patriarcal foi ganhando forças.

Ancorando-se na filosofia patriarcal que se consolidava amiúde, algumas crenças religiosas foram constituindo-se como força hegemônica, não apenas no campo religioso, mas com forte influência na dinâmica social, chegando até mesmo a converter impérios inteiros, como foi o caso do cristianismo com o Império Romano (HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA, 2009). É de conhecimento amplo, que o cristianismo cresceu e expandiu-se por um vasto território, fortalecendo-se como um império poderoso e influente, todavia, nem tudo que seu mentor deixou de ensinamento foi cumprido, principalmente quando se trata do tratamento dispensado a mulher.

Não raro, no Novo Testamento, observamos diversas leituras com elevado teor androcêntrico, o que vai de encontro à forma com que Jesus, segundo relatos do mesmo texto, tratou as mulheres que se chegaram a Ele. Este texto nasce por uma moção pessoal, e é um dos frutos da pesquisa de mestrado ainda em curso, que também pode ser encarado como um manifesto pela igualdade de gênero, principalmente em ambientes em que se anuncia a igualdade e ao mesmo tempo propaga o sexismo.

A metodologia empregada nesta pesquisa é bibliográfica, utilizando de dados coligidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), no que tange a relação social das mulheres no Brasil, em um espaço de tempo de aproximadamente 10 anos.

O objetivo desta análise é contribuir na fomentação de discussões em torno do tema proposto, em vistas a manter um debate sempre ativo no que tange a

correção/desconstrução de práticas milenares entendidas como dadas pela natureza, sendo elas na verdade construções sociais.

## 2 Referencial Teórico

Quando se fala da personagem mítica Jesus, o pensamento volta-se quase que instantaneamente para as questões religiosas. Não raro, às igrejas cristãs vêm à mente, reduzindo o alcance dessa personagem apenas ao que tange os assuntos relacionados à fé. Ao abordarmos a figura de Jesus de Nazaré, faz-se necessário elencarmos alguns feitos propagados pela sua forma revolucionária e reformadora, em meio a uma sociedade eivada de cânones patriarcais, marcadamente preconceituosos, não apenas com mulheres, mas também com outros povos, que eram tidos como gentios, que no conceito bíblico poder ser entendido como amaldiçoados, não eleitos, preteridos, etc.

Antes de elencar esses feitos empregados de forma revolucionária e reformadora por Jesus, entende-se por ora contextualizar como se organizava o cenário político e/ou social do território que Ele viveu há dois milênios. O Império Romano, conhecido pela sua vastidão territorial, anexou ao seu domínio às terras do mundo palestino por volta de 63 a.C. Com a presença da burocracia romana em terras palestinas, acelerou-se o processo de urbanização de uma região majoritariamente rural, com hábitos milenares, e de vida simples. Não obstante toda mundança na dinâmica social dos povos que viviam nessa região, a exploração instalada pelos agentes do Império Romanos, contribui a contento para alargar a já grande desigualdade social. Associado ao caos social flagrante na região, movimentos messiânicos eclodiam amiúde, com figuras carismáticas que eram seguidas por féis, e prometiam a restauração de Israel e o fim do domínio romano em sua região (PINTO, 2013).

A visão de mundo na perspectiva judaica se baseava nas escrituras comumentes chamadas de sagradas. Os judeus se reivindicam como povo eleito e herdeiros das promessas de Deus, também chamado de *lahweh*. A estrutura social dos hebreus era patriarcal e patrelinear, ou seja, o homem era o chefe, mentor e senhor não só na família, mas em toda a estrutural social. Como uma das principais formas de corroborar esta visão de superioridade do homem na vida social judaica, recorre-se constantemente ao mito da criação e a queda do paraíso, ambos expostos no livro do Gênesis, Capítulo 1, Versículo 26; e Capítulo 3, Versículos de 1-20 da bíblia cristã, da mesma forma que se encontra na Torá judaica (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2001).

Ao entender que a mulher teve culpa na introdução do pecado no mundo, quando, segundo o relato bíblico, à mesma deu ouvidos à serpente (se é que isso pode ser possível), o mundo judaico, um ambiente governado por homens, optou em não valorizar a figura feminina, e até mesmo desprezá-las. Em uma das preces que são repetidas diariamente pelos judeus (entende-se homens), pode se deparar com a seguinte sentença: “bentido seja Deus nosso Senhor e Senhor de todos os mundos por não me ter feito nascer escravo, gentio e nem mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 18).

É necessário lembrar que o judaísmo teve igualmente uma trajetória de constante definição e que nesse percurso, não concedeu à mulher novos direitos religiosos, mas sempre os limitou. Com a destruição do Templo pelos romanos, tornou-se impossível a continuação de mitos dos costumes, inclusive aquele do banquete pascal, acentuando-se o caráter legalístico-rabínico da religiosidade unicamente aos homens (SIQUEIRA, 2004, p. 74).

Jesus era uma pessoa do seu tempo. Judeu de nascimento e de práticas religiosas, Ele frequentava o templo como qualquer homem da sua época. Entretanto, Jesus começou a falar em espaços religiosos, o que gerou bastante reprovação da parte de uns, e admiração por parte de outros. Desde o início de sua vida pública, Jesus foi um questionador de práticas preconceituosas, e isso se observa em diversas passagens dos evangelhos (PINTO, 2013). Todavia, o que mais o deixava furioso, era a hipocrisia que os agentes religiosos praticavam na presença de todos. Entretanto, como eles detinham o monopólio da representação simbólica social, não eram confrontados por ninguém. Uma célebre passagem que ilustra bem o que está supracitado, encontra-se no livro de Mateus capítulo 21, versículo 12, em que se lê:

Então Jesus entrou no templo e expulsou todos os vendedores e compradores que lá estavam. Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: está escrito: minha casa será chamada casa de oração. Vós, porém, fazei dela um covil de ladrões! (BIBLIA..., 2001, p. 1878).

A passagem acima é uma das muitas em que se pode observar um Jesus revolucionário, preocupado em denunciar transgressões cometidas por uma elite social (e religiosa) que se colocava acima dos outros. No início da sua vida pública, segundo relatos bíblicos, Jesus percorreu longas distâncias em povoados que orbitavam Jerusalém. Não raro, ele passava por lugares não desejados por um judeu observador das tradições. Leprosos, cobradores de impostos, doentes de todos os tipos, crianças, pobres e mulheres, são mencionados com bastante frequências nos quatro (4) evangelhos. Tais

personagens eram solenemente desprezados pelos judeus de Jerusalém, mas encontraram espaço na promoção da dignidade promovida por Jesus.

Direcionando a atenção para os encontros de Jesus com mulheres, tem-se como ponto de partida a passagem que ajuda a construir o título deste artigo, qual seja: “fazei tudo o que ele vos disser!” (BÍBLIA..., 2001, p. 1989). Essa passagem encontra-se no livro de João, em um episódio que se estende por todo segundo capítulo. Quem proferiu essa sentença foi Maria, mãe de Jesus. Ela assim fala depois de perceber que o vinho da festa em que estavam presentes havia acabado, e, preocupada com o vexame que seria para os noivos diante dos seus convidados, roga a seu filho que ele fizesse alguma coisa. Jesus até tentou desconversar, dizendo que não tinha nada a ver com aquilo, que não era chegada a sua hora, mas ela olhou para os empregados da casa e pediu que os mesmos fizessem tudo o que Jesus ordenasse. Na sequência da passagem, como é de conhecimento de muitos, Jesus transformou água em vinho, como se observa em João capítulo 2 versículos de 1-12 (BÍBLIA..., 2001, p.1989).

Outro encontro muito significativo relatado nos evangelhos, da-nos a dimensão do tamanho da crença de uma mulher que sofria com uma hemorragia menstrual havia 12 anos. Segundo nos relata o livro de Mateus, essa mulher, ao ver Jesus que passava para ir à casa de um homem influente (que implorou que ele – Jesus - fosse lá para ressuscitar sua filha), se lançou em meio à multidão e tocou a barra da túnica do mestre. De acordo com o texto, o sangramento parou (Mateus, capítulo 9, versículos 18-26). Na tradição judaica, uma mulher que estivesse menstruada e/ou acabasse de ter parido, não deveria ser tocada, sob pena de se tornar impuro.

Contra as mulheres do tempo de Jesus, foram erguidas imensas barreiras ideológicas, reforçando assim a visão subalterna que se tinha delas, visão essa alicerçada em valores androcêntricos. Tais barreiras podem ser vistas de acordo com alguns filtros, a saber: barreira sexual – eram mulheres, já havia uma conotação de inferioridade sobre as mulheres; barreira cultural - eram ignorantes, pois havia proibição explícitas que elas fossem alfabetizadas; barreira social - o lugar da mulher era a casa, cuidando dos afazeres, dentre os quais destaca-se cuidar da prole e preparar a alimentação, e se acontecesse de precisar ir à rua, nenhum homem, exceto seu marido, poderia falar com ela em público; barreira religiosa – era vedado as mulheres lugar de destaque no templo, bem como ter parte das práticas religiosas entendidas como masculinas. Os pais deveriam ensinar as leis religiosas para suas filhas (PINTO, 2013).

No primeiro capítulo do evangelho segundo Marcos, temos a oportunidade de ler outro episódio em que Jesus aparece em face de uma mulher. De acordo com o relato bíblico, Jesus e alguns homens que Ele havia chamado para segui-lo, foram a Cafarnaum, uma cidade que ficava na margem norte do Mar da Galiléia, e entraram na sinagoga em dia de sábado. O sábado é o dia do descanso para os judeus. Nesse dia, para além de ir à sinagoga, não é permitido fazer muitas coisas. Jesus estava na sinagoga, falou em meio aos doutores da Lei, e expulsou um espírito impuro de um homem (Marcos, capítulo 1, versículos 23-26). O fato de Jesus ter expulsado o tal espírito gerou admiração por conta de alguns presentes, mas também gerou ira por parte de outros, mais ortodoxos. Ao sair da sinagoga, Jesus foi levado à casa de André e Simão. Chegando à casa, vieram anunciar que a sogra de Simão se encontrava em estado febril. Sem ao menos pronunciar palavra alguma, Jesus foi ao encontro desta mulher, tomou-a pela mão, e, diz o relato bíblico, a febre a deixou imediatamente (Marcos, capítulo 1, versículos 30-31).

Tanto no tempo de Jesus quanto em tempos que se seguiram, a casa era o local íntimo, ambiente em que as mulheres deveriam estar, ou seja: os homens estavam na esfera pública, ilustrada pela rua, e espaços de convivência. Ao mencionar que Jesus saíra da sinagoga e vai à casa de dois dos seus discípulos, o narrador nos faz entender que Jesus não tomava conhecimento das barreiras impostas contras às mulheres, pelo contrário, fazia questão de reformar tais costumes. Se a missão de Jesus era anunciar a boa nova da salvação a todos, Ele fez questão de incluir os marginalizados, quer dizer: mulheres, doentes, pobres, crianças, estrangeiros, dentre outros. Jesus promovia a dignidade e a salvação a todas as pessoas que eram discriminadas no seu tempo, e também dos tempos vindouros, haja vista que a sua mensagem foi propagada pelos séculos, entretanto, quem as fez, infelizmente, usou de seletividade.

O capítulo 15 de Mateus se inicia com um embate entre Jesus e os fariseus. Estes reclamavam com aquele a não observação por parte dos seus discípulos, de um preceito religioso que mandava lavar as mãos antes das refeições. Acusações foram feitas de um lado e de outro, antes que Jesus se retirasse com os discípulos e partisse para a região de Tiro e Sidom. Chegando por lá, uma mulher, e, não obstante, Cananéia, implorava que Jesus fosse curar sua filha. Os judeus de Jerusalém não tinham uma boa relação com os judeus dessa região, e como se sabe, uma mulher não podia falar com um homem que não fosse seu marido em ambiente externo. O texto nos mostra que Jesus quis testar a perseverância dessa mulher. Ao responder seu pedido, Ele disse que fora enviado para resgatar as ovelhas perdidas de Israel; ignorando o que Jesus havia falado, a mulher pediu mais uma vez que Ele fosse socorrê-la, no que Ele

respondeu: “não é bom pegar o pão dos filhos e lançar aos cachorros!” (BÍBLIA..., 2001, p. 1868). De forma surpreendente a mulher lhe responde: “Sim, senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa!” (BÍBLIA..., 2001, p. 1868). De acordo com texto bíblico, Jesus, admirado com as palavras da mulher, a dispensou dizendo que grande era sua fé, e que o que ela buscava junto a Ele, estava feito.

O texto bíblico é cheio de simbolismo e significado. Quando se observa a palavra casa na Bíblia, nem sempre se está falando do imóvel que pessoas moram. Não raro, a palavra casa no texto bíblico quer remeter ao conceito de nação, família, etc. É preciso contextualizar o texto bíblico, sob pena de cometer anacronismo. Isso posto, faz-se necessário salientar que Jesus era seguido não apenas pelos doze (12) discípulos conhecidos por muitos. O emblemático número doze (12), na visão de alguns estudiosos do texto bíblico, remete-se às doze Tribos de Israel, ou as doze Casas de Israel. Algumas mulheres como salienta o relato apresentado no livro de Lucas, seguiam como participantes da comunidade cristã. A palavra discípula não existia no vocabulário aramaico, língua em que primeiro se escreveu os evangelhos, entre os anos 70 e 100 da nossa era. Pode-se acrescentar também ao apagamento das mulheres com lugar de destaque no discipulado, o fato de se ter uma tradição patriarcal no que tange a organização social e/ou religiosa como um todo. Fato é que a presença das mulheres foi tão marcante na vida de Jesus, que mesmo usando de subterfúgio para escondê-las, elas aparecem com papel preponderante na história contada nos evangelhos.

E assim [...], no movimento de Jesus, a mulher vê resgatada sua dignidade devido aos questionamentos das velhas estruturas patriarcais. Já que, de marginalizadas no templo e na Lei, passou a integrar plenamente um movimento público. Contudo, apesar das mudanças radicais implícitas nesse movimento religioso, a relação de igualdade entre mulheres e homens estava longe de se tornar regra. Mesmo tendo Jesus questionado o sistema patriarcal juntamente com seus velhos costumes, especialmente em relação às mulheres, em geral, a história da Igreja Cristã aponta para a manutenção de estereótipos femininos e a continuação de papéis em função do sexo (AMAZONAS; SILVA, 2008, p. 77).

A participação das mulheres era tão latente dentro da comunidade criada por Jesus, que, de acordo com o capítulo sete (7) do livro de Lucas, passando por uma aldeia com seus discípulos, Jesus entra na casa de uma mulher de nome Maria, que morava com sua irmã Marta. Conta-nos a tradição cristã que essas mulheres eram irmãs de Lázaro, o mesmo que Jesus ressuscitou depois. Maria

e Marta, de acordo com a crença cristã, foram as que intercederam junto a Jesus pelo irmão que jazia havia quatro dias. Entendendo como o simbolismo bíblico é forte e precisa ser levado em consideração, das mulheres citadas neste texto até aqui, apenas Maria, mãe de Jesus, Marta e Maria, irmãs de Lázaro, foram identificadas, as outras foram mencionadas não pelos seus nomes, mas de: a mulher hemorroisa, a filha do homem com influência social, a Cananéia, a sogra de Simão, etc. Destarte, parece claro que Marta e Maria tinham certo protagonismo dentro da comunidade, bem como Maria, a mãe de Jesus, essa por motivos óbvios.

Jesus, segundo os relatos bíblicos, foi diversas vezes à Galiléia, muitas das quais, era preciso passar pela Samaria. Os judeus não tinham uma relação amistosa com os samaritanos, o que fazia com que muitos, ao se dirigir à Galiléia, buscassem caminhos mais longos, justamente para não passar pela Samaria. O livro de João nos relata que Jesus passou pela Samaria, visando chegar mais rápido à Galiléia. Seus discípulos foram na cidade comprar alimentos, enquanto Ele parou no poço conhecido com Poço de Jacó. Ainda observando o relato bíblico, uma mulher se aproximou do poço para buscar água, e vendo ela, Jesus lhe pediu um pouco para beber. A mulher lhe disse: “Como sendo tu judeu pede de beber a mim, que sou mulher e samaritana?” (BÍBLIA..., 1973, p. 1993). Aqui Jesus ignora dois princípios caros ao judaísmo da época, e que não passou despercebido pelo narrador bíblico.

Tavez a relação mais famosa de Jesus com uma personagem feminina, seja o episódio em que Maria Madalena estava prestes a ser apedrejada, com base numa Lei do tempo de Moisés, em que a mulher (sempre ela), deveria ser apedrejada na rua, se fosse pega em adultério. Importante salientar que o homem judeu poderia ter várias mulheres, vide a história de David, Abrão, Salomão e tantos outros, tidos como patriarcas da religião judaica. A passagem bíblica que relata esse episódio nos conta que Jesus fazia desenhos no chão, quando jogaram Madalena junto dele. Jesus foi indagado sobre o que fazer com a mulher, uma vez que a Lei mosaica manda apedrejá-la caso a encontrasse em flagrante adultério. Pedagogicamente, Jesus questiona os presentes dizendo que os que não tivessem pecados, poderiam atirar às pedras na mulher. Vendo que todos tinham se retirado sem que uma pedra fosse lançada nela, Jesus a mandou ir sem voltar ao pecado (BÍBLIA..., 1973, p. 2005-2006).

Madalena, sem dúvida, foi umas das mulheres mais importantes dentro da comunidade cristã. Estudos teológicos dão conta de que a mulher que entrou na casa de Simão, derramou um óleo aromatizado e de alto valor comercial nos pés de Jesus, e os enxugou com os cabelos, se trata da mesma Maria Madalena. Ela

também é retratada nos evangelhos como uma das mulheres que estavam aos pés da cruz, quando Jesus estava sendo crucificado.<sup>1</sup> De forma mais do que especial, foi para ela que Jesus se apresentou primeiramente, na madrugada do domingo em que Ele, baseado nos evangelhos, ressucitou.<sup>2</sup>

Mulheres marcantes perpassaram a vida de Jesus. Claro que o que respalda esta afirmação, são textos entendidos como oficiais. Inúmeros textos relegados pela Igreja, conhecidos como apócrifos<sup>3</sup>, trazem outros detalhes dos episódios iniciais da Era Cristã. Todavia, mesmo com os textos oficiais, pode-se elencar diversas ocasiões em que Jesus se deparava com uma mulher, contra tudo e contra todos, rompendo com os estereótipos e tradições frágeis, que se sustentavam sobre pilares imaginados como fortes, ou seja, uma falsa superioridade do homem frente a mulher. Jesus fez o seu primeiro milagre por intermédio de uma mulher; andou por regiões desprezadas por judeus; falou com mulheres em espaço público; curou pessoas em dias de sábado; advogou em favor de uma mulher que estava para ser apedrejada; e de forma inesperada frente a tradição patriarcal, deu a uma mulher o direito de vê-lo pela primeira vez, ressuscitado.

É muito esclarecedor a forma com que Jesus ensinou aos seus discípulos, como deveriam tratar uns aos outros. As diferenças deveriam ser superadas, bem como todo e qualquer tipo de preconceito. Todavia, olhando como a mensagem de Jesus foi se propagando por quem reivindicava para si a alcunha de seguidor do Cristo, pode-se observar que as diferenças não foram superadas, pelo contrário, por vezes elas foram bem acirradas, causando rupturas e apagamento histórico. Na próxima seção, abordar-se-á a expansão do cristianismo e suas influências na criação de sociedades, assim como se verá, o tratamento dispensado às mulheres, pelos mesmos que se dizem fraternos, que vivem a unidade em Cristo e semeadores da paz.

## 2.1 “Triste, Louca ou Má...”: a visão da mulher na ótica monopolista cristã

Geralmente, e se têm exemplos abundantes para corroborar com a máxima a ser proferida, as religiões de características monoteístas, pautam-se, no que tange a perspectiva moral e dos costumes, numa realidade dualista em que o sexo é o fator preponderante. Destarte, quando se trata da conduta dos homens, tudo lhes

<sup>1</sup>Mateus capítulo 27, versículo 55. Bíblia de Jerusalém, 1973, p. 1894.

<sup>2</sup>Mateus capítulo 28, versículos 1-10. Bíblia de Jerusalém, 1973, p. 1894-1895.

<sup>3</sup> Diz-se de obras ou fato sem autenticidade, ou cuja autenticidade não se provou. 2. Diz-se, entre os católicos, dos escritos de assunto sagrado não incluídos pela Igreja no Cânon das Escrituras autênticas e divinamente inspiradas. Novo Aurélio Século XXI, 1999, p. 167.

é permitido, inclusive ter uma segunda mulher na esfera pública. Heleieth Saffioti (2015) nos lembra em um celebrado trabalho, que a fidelidade cobrada pelo sistema monogâmico, era apenas para as mulheres.

O cristianismo nasce sob a égide da cruz. Ora, a cruz era sinal de morte trágica no tempo de Jesus, e em hipótese alguma, este símbolo era visto com bons olhos pela sociedade dos hebreus e dos romanos da época. Com uma mensagem que prometia uma vida nova a todos que seguissem Jesus, o cristianismo, ou seja, o movimento levado pelos discípulos, buscou-se distanciar o mais longe possível das práticas judaicas, haja vista que os judeus eram acusados de terem matado Jesus, por aqueles que decidiram seguir Jesus. Entretanto, não foi em tudo que o cristianismo se distanciou do judaísmo, principalmente no que faz menção ao tratamento às mulheres.

A estrutura da igreja cristã que se fortalecia, era composta por homens naquilo que corresponde à hierarquia eclesial. Como já fora dito nesta análise, havia mulheres que pertenciam à comunidade cristã dos primórdios, porém, como se observa em textos oficiais da cristandade, apenas os homens ascenderam para ocupar postos de reconhecimento na igreja. Ora, a influência da igreja cristã cresceu sobremaneira, não só no Oriente Médio, mas em partes da Europa que margeiam o Mar Mediterrâneo, expandindo-se para o interior do continente paulatinamente.

Foram os homens da igreja que lavraram as catequeses em que todos os fiés deveriam se enquadrar. É claro que essa prática de estabelecer regras para a vida dos fiés e funcionamento da estrutura cristã, não ficou restrita apenas entre os membros do cristianismo, pelo contrário, a tradição cristã ajudou a constituir a base de muitas sociedades espalhadas pelo mundo. Sendo assim, muitas das tradições das sociedades, sobretudo ocidentais, têm bases fincadas no cristianismo, o que se torna problemático em sociedade que não conseguem romper com a tradição, e se autoproclamam laicas.

Tendo em vista que o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades materiais ou simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, dependendo portanto diretamente desta posição, a mensagem religiosa mais eficaz de satisfazer o interesse religioso de um grupo determinado de leigos, e de exercer sobre ele o feito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, é aquela que lhe fornece um (quase) sistema de justificação das propriedades que estão objetivamente associadas ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social (BOURDIEU, 2015, p. 51).

Como fora salientado acima, algumas características do judaísmo ficaram entre os cristãos, principalmente as relacionadas à dinâmica social com agentes comumente chamadas mulheres. Munida de conceitos estabelecidos pelo sistema de dominação e exploração do homem para com a mulher, conhecido com patriarcado, à igreja cristã, não obstante, utilizava-se de textos bíblicos (mais um exemplo de construção patriarcal em desfavor de mulheres, estrangeiros, gentios, etc.), para justificar a subordinação feminina. Um exemplo clássico de texto em que é evocado para justificar o tratamento da mulher por parte do magistério cristão, é o relato do mito da criação, que pode ser consultado em gênesis capítulo 3, em que um ser supremo (uma figura masculina) molda o homem a partir da argila, e a mulher de um fragmento da costela do homem. Muitos justificam que a mulher está em grau de inferioridade diante do homem, pois ela foi retirada dele. Outro relato bíblico comumente evocado para justificar a falsa superioridade masculina frente à mulher, é a queda do paraíso, em que, de acordo com o texto, Eva deu ouvidos à serpente, tomou a fruta proibida e passou para o seu companheiro; o que ocorreu depois, como se sabe, foi à descoberta de que estavam nus, e por terem ido de encontro a uma ordem do criador, foram expulsos do paraíso (BIBLÍA..., 2001).

É curioso como uma alegoria mitológica pôde ser motivo de justificativa para o tratamento oficial da igreja durante séculos, em que a principal vítima foi o ser social denominado mulher. Ao contrário do que fez o fundador do cristianismo, os homens da igreja não pouparam as mulheres de impropérios e tratamentos, não raro, subhumano. Como as influências cristãs criaram raízes na construção de sociedades, principalmente as Ocidentais, a crença nesses mitos perpassou séculos e povos. Por longos tempos, a mulher foi vista como um ser maligno, motivo primeiro da perdição dos homens.

A mulher, todas as mulheres, a serva do grande sacerdote diante de quem São Pedro renegou Jesus, Eva no paraíso levando Adão a desobedecer, são instrumentos do diabo. Impregnada do pecado como todas elas, Maria de Magdala, para tornar-se a esperança dos pecadores, para se postar junto à porta do céu e não mais do inferno, precisou destruir totalmente, consumida em penitências, a parte feminina de seu ser (DUBY, 1996, p. 535).

Como forma de controle dos fiéis, sobretudo das mulheres, à igreja estabeleceu uma série de condutas que deveriam ser observadas pelas pessoas que se denominavam, através do batismo, cristãs. A principal investida da igreja em vistas ao controle de todos os fiéis, se deu no tocante ao comportamento sexual. Uma série de recomendações, que depois se transformaram em proibições

(pecados), foram elencadas pelo magistério da igreja para a observância dos cristãos.

O corpo da mulher, desde a constituição da monogamia como sistema oficial de construção da família, ainda nas sociedades coletoras da pré-história, tornou-se campo político para que as normas instituídas por homens pudessem ser executadas. Não obstante, o cristianismo passou a entender o ato sexual por uma ótica, diga-se, suja, pecaminosa, só permitido para à procriação da espécie. Neste particular, mais uma vez, o corpo da mulher serviu de laboratório para por em prática as teorias estabelecidas pelo agente político oficial, ou seja, o homem!

Do ponto de vista teológico o cristianismo colocou o sexo sobre um plano completamente novo, muito diferente do aspecto lúdico atribuído pelos gregos e romanos. Nessa direção, ligação sexual entre um homem e uma mulher derivaria da encarnação, a metáfora do vínculo entre alma e Deus, da união entre Cristo e a Igreja, à antecipação do prazer do amor que se viverá no paraíso. O cristianismo vem dar um significado espiritual ao ato sexual carregando de uma importância e de uma luz que o absolveria da suspeita e do desprezo dado, por exemplo, pelos estóicos. Se estaligação é permeada de significados espirituais, símbolos da unidade indissolúvel entre à alma e o corpo, a metáfora da união entre Cristo e a Igreja como salientou o apóstolo Paulo, deveria ser objeto de atenção e regulamentada com severidade. Assim, o governo da sexualidade não diria respeito apenas ao governo do corpo, mas também da alma (SCARPIM, 2015, p. 267).

Com a queda do Império Romano, à Igreja assume um papel ainda maior de influência entre os povos, principalmente do Velho Continente. À ideia de expansão e conquistas de novos territórios e indivíduos, esbarrava na presença feminina, como se verá na sequência. Como o sexo foi entendido como algo a ser evitado, pois não era bom aos olhos de Deus praticá-lo antes das núpcias, a figura da mulher foi cada vez mais associada à influência maligna, causadora da perdição. É contraditório pensar que, o homem (baseando-nos na tradição judaico-cristã), sendo o ser criado à imagem e semelhança de Deus, dotado de sapiência, vigor, graça e força, pôde ser enganado a partir de um ser criado de um fragmento dele; como foi possível uma parte do homem, levá-lo a queda e o afastamento de Deus?!

[...] um mal magnífico, prazer funesto, venenosa e traiçoeira a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a Terra o pecado, à infelicidade e a morte. Pandora gregou Eva judaica ela cometera o pecado original ao abrir a caixa que continha todosos males ou ao comer do fruto proibido. O homem procurava uma responsável pelo

sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre e encontrou a mulher. Como não desconfiar de um ser cujo maior perigo consiste num sorriso? A caverna sexual tornava-se, assim, uma fossa viscosa do inferno (DELUMEAU, 2009, p. 314).

Desde o cerne do apostolado cristão no mundo, o discurso androcêntrico se faz presente. Um dos textos mais abjetos do novo testamento relacionado à mulher tem à autoria atribuída a Paulo de Tarso. Paulo era um perseguidor de cristãos que se converteu ao cristianismo. Homem culto e muito requisitado, Paulo fora educado em grego e latim, tinha bom trânsito entre os judeus, e depois que se convertera ao cristianismo, passou a ser visto como aquele que falava aos gentios. É atribuído a Paulo a autoria de diversos livros do novo testamento, também chamados de epístolas (cartas). O relato em que se pode observar uma mensagem significativamente androcêntrica, está no livro da primeira carta aos Timóteos, que diz o seguinte:

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação (BÍBLIA..., 2001, p. 2227-2228)

A despeito da relação amistosa e dignificante entre o fundador do cristianismo e as mulheres do seu tempo, os seguidores de Jesus, a começar pelos que exerciam algum cargo na hierarquia eclesiástica, parece não ter absorvido bem que, de acordo com o que fora supracitado, mulheres, crianças, gentios, pecadores, dentre outros, foram apontados por Jesus como aqueles que herdariam o reino místico anunciado. Infelizmente, o discurso androcêntrico cristão não parou em Paulo, pelo contrário, ganhou mais força ao longo dos tempos, contribuindo para criação de cisma entre igreja e mulher, principalmente durante a Idade Média.

Figuras importantes dentro do magistério da igreja, como Ambrósio, João Crisóstomo, Aurélio Agostinho, Tertuliano, Jerônimo, dentre outros, conhecidos comumente como *Padres da Igreja*, usando de suas influências na elaboração de doutrinas e marcos balizadores da moral e fé cristã, que ficou marcado com *Patrística*, também fizeram cômico ao discurso androcêntrico dos ensinamentos paulinos (CAMPOS, 2010).

Quando se evoca o homem da Idade Média, está se falando de um agente social com visão marcadamente sexista, não necessariamente temente a Deus, mas moldado por ensinamentos advindos da Igreja que não raro, reforçava a

soberania do homem em detrimento da mulher. Aurélio Agostinho, bem com os demais 'Padres da Igreja', não escondia sua aversão a mulher, através de sermões e textos em que as retratavam como seres malignos. Embora já houvesse o culto à Virgem Maria neste tempo, as outras mulheres não gozavam de nenhuma simpatia por parte deles (CAMPOS, 2010).

Se pudéssemos livrar o mundo das mulheres, não ficaríamos afastados de Deus durante o coito. Pois que verdadeiramente, sem a perversidade das mulheres, para não falar da bruxaria, o mundo ainda permaneceria à prova de inumeráveis perigos. Tu não sabes que a mulher é a Quimera, embora fosse bom que o soubesses; pois aquele monstro apresentava três formas: a cabeça, nobre e radiante, era a de um leão; o ventre obscuro era o de uma cabra, e a cauda virulenta era a de uma víbora. Queria assim dizer que a mulher, embora seja bela aos nossos olhos, deprava ao nosso tato e é fatal ao nosso convívio (INSTITORIS, 1997, p. 119-120).

A Igreja cristã, em busca de estabelecer seu domínio sobre tudo e sobre todos, utilizou-se do seu poder espiritual para consolidar seu poder terrestre/temporal. Apoiada por dominadores terrestres com larga tradição em anexar vastos territórios (caso do Império Romano que antes de sua queda, rendeu-se ao cristianismo), o poderio da Igreja foi crescendo amiúde. Embora tivesse um início de apostolado tímido, sendo por vezes marginalizada e tratada como seita mística, à igreja cristã foi ocupando espaços que lhes eram concedidos, crescendo cada vez mais, principalmente na Europa, além do domínio da Terra Santa.

O discurso cristão construiu-se, ao longo da Idade Média, como um discurso fortemente legitimador do cristianismo frente a outros grupos de poder, com forte capacidade de imposição de parâmetros depreciativos àqueles que estivessem fora dos limites da religião auto-representada como única e verdadeira. O processo de construção e legitimação do poder do cristianismo deu-se com a inversão do equilíbrio social de um grupo até então inferiorizado à ocupante das mais altas categorias de poder no ocidente europeu medieval, de forma a influenciar sobremaneira o pensamento e o funcionamento daquela sociedade (PORTELA, 2012, p. 22).

Consolidada como detentora de poderes espirituais e terrenos, a igreja determinava normativas que deveriam basilar as relações entre os agentes sociais, bem como a formação das estruturas do que viriam a ser os Estados Nacionais. Ignorando quem não professava fé alguma, e/ou quem cria em outras formas religiosas que não a cristã, o alcance das influências da igreja era para

todos os indivíduos. Ora, sendo a detentora dos poderes espirituais e temporais, há de se esperar que todas as queixas sociais viessem bater à porta de suas catedrais, o que não demorou a acontecer. Percebendo que as queixas da população ganhavam mais corpo e volume, o magistério da igreja tratou de estabelecer regras rígidas que castigassem quem ousava levantar-se sobre a autoridade da igreja cristã. Tais castigos, não raro, resultavam em morte, para que servisse de exemplo para os que pensavam em se aventurar (ROUCHE, 2009).

A mulher era constantemente alvo preferido que a igreja cristã se ocupava em vilipendiar. No afã de controlar as condutas dos cidadãos, a igreja na Idade Média elegeu tudo o que não era elaborado por ela como torpe, de âmbito terrestre e influenciado pelo diabo. Somente as práticas e doutrinas que emanavam 'do coração da Igreja' eram dignas de serem acolhidas, reproduzidas e entendidas como vindas de Deus. Os antigos cultos às forças da natureza, assim como às celebrações ditas pagãs das culturas nórdicas, foram listados como práticas *heréticas*, feitiçarias elaboradas e difundidas por mulheres que possuíam pacto com o diabo, que receberam a alcunha de bruxas. Tais práticas precisavam ser combatidas pela igreja, haja vista que era a instituição que reivindicava para si a autoridade sobre o corpo e alma das pessoas (PORTELA, 2012; NAVAZ, 2005).

O movimento herético surgiu como resposta aos maus tratos da população para com os senhores feudais, mormente, colocando-se numa posição antagônica à igreja. Mas do que um movimento separatista como o liderado por Lutero tempos depois, os chamados heréticos (Cátaros e Valdenses principalmente), buscavam mudanças urgentes na estrutura social, pleiteando melhores condições para camponeses, artesãos, pessoas do baixo clero que foram expulsas da igreja e, sobretudo, mulheres. Os alvos das revoltas eram as hierarquias sociais, o acúmulo desenfreado de riquezas e a propriedade privada, além do poderio exclusivo da igreja, subjugando toda a sociedade (FEDERICI, 2018).

A situação econômica do Velho Continente, entre a baixa e alta Idade Média, variou muito diante de acontecimentos de proporções gigantescas. Embora os métodos contraceptivos praticados por mulheres na época eram de conhecimento da hierarquia eclesial, nada se fez para impedir tais práticas, haja vista que havia uma pobreza flagrante entre os cidadãos menos abastados, o que levou muitos representantes da Igreja a aconselharem os fiéis que tivessem os filhos que pudessem alimentar. Todavia, como é sabido, a peste bubônica assolou o continente europeu, matando milhões de pessoas. Destarte, o que não era problema em outrora, devido à incapacidade econômica de muitos em sustentar seus filhos, passou a ser depois da morte de milhares de vidas. Esse

fato interferiu consideravelmente na dinâmica econômica da sociedade, o que pode ser estendida para a igreja. Por esses e outros motivos, as mulheres que já não gozavam de prestígio em uma sociedade altamente sexista, passaram a sofrer mais sanções e perseguições. A caça às bruxas foi a mais celebre (ROUCHE, 2009; HARARI, 2018; FEDERICI, 2018).

Como se pode observar nesta análise preliminar, a relação da igreja com as mulheres não foi contruída sobre pilares amistosos, pelo contrário, parecia haver sempre uma cisma que os distanciavam de maneira permanente. É curioso observar que para quem reivindica a pertença ao cristianismo, sendo um fator preponderante para isso seguir os passos de Jesus, possa ignorar flagrantemente a boa relação do mesmo Jesus com as mulheres, agindo de maneira antagônica da dispensada pelo seu fundador e senhor. Sabendo da grande influência da igreja na construção das sociedades ocidentais (principalmente), observar-se-á na próxima seção, as consequências na dinâmica social desta influência, e o tratamento dado às mulheres do nosso tempo aqui no Brasil, um país que ainda se denomina como cristãos.

### 3 Resultados e Discussão

A história oficial do Brasil (que não é a única), contada sob a perspectiva do dominante, começa em 1500. Tão logo os colonizadores portugueses chegaram, trataram de impor sua visão de mundo aos nativos que aqui sempre estiveram. A cruz de Jesus, o maior símbolo cristão, foi fincada no Brasil e ajudou a construir o primeiro nome para a terra até então desconhecida. Nosso país além de ser invadido, passou a pertencer a um Deus que era ignorado por aqui. A marca cristã na colonização portuguesa do Brasil, revela-se em monumentos vistos até os nossos dias. Ao passear pelo Centro histórico de Salvador/BA, Olinda/PE, Rio de Janeiro/RJ, Ouro Preto/MG dentre tantas outras cidades, ver-se-á uma quantidade significativa de igrejas, conventos, casas das mais diversas, que trazem alguma referência a fé cristã.

A influência cristã no Estado Brasileiro é ouvida, vista e sentida. Um dos bordões do atual governo do país diz que “Deus está acima de todos”, não tendo o cuidado de evitar conflitos com os não crentes (ateus), e os que professam outra fé religiosa. Em espaços públicos como Tribunais, plenários de Casas Legislativas, Departamento de Estado, dentre outros, pode-se observar sempre um crucifixo pendurado na parede. Até nas cédulas do Real (nossa moeda oficial), tem uma referência a fé cristã, quando se lê: “Deus seja louvado!”. Isto posto, não se teme em afirmar que o Brasil, reservado as contradições latentes, é um país cristão.

Ancorando-se em números divulgados pelo IBGE, por ocasião do último censo demográfico realizado em 2010, o Brasil tem aproximadamente 87% de sua população declaradamente cristã, isso posto, não restam dúvidas da filiação de grande parcela da população brasileira, aos ideais e ensinamentos deixados por Jesus, embora, como já se observou anteriormente, nem sempre os ensinamentos de Jesus são levados em consideração por seus adeptos.

**Quadro 1 – Divisão da população brasileira por religião**

Crença religiosa	Frequência absoluta	Frequência relativa
Católica	123 milhões	65%
Protestante (evangélica)	42,3 milhões	22,2%
Espíritas	2,8 milhões	2,0%
Testemunha de Jeová	1,4 milhões	0,7%
Religiões de matriz africana	588 mil	0,3%
Outras religiões	3,1 milhão	1,6%
Sem religião	15,3 milhões	8,0%

**Fonte:** Censo Demográfico, 2010.

Confirmada a hipótese de que a população brasileira é formada majoritariamente por agentes sociais que reivindicam para si a pertença ao cristianismo, dar-se-á sequência na análise de dados coligidos e divulgados por agências oficiais do Estado Brasileiro, no que tange a relação da mulher dentro da sociedade brasileira. Para tanto, utilizar-se-á dados do Relatório Violência contra a mulher, e do Atlas da violência, ambos elaborados pelo IPEA, bem como o relatório: Estatística de Gênero, elaborado pelo IBGE.

Quando abordamos o assunto violência contra a mulher, é importante ressaltar que não se está falando apenas da violência física. É notório que essa tem mais visibilidade diante das marcas e traumas que deixa, entretanto, têm-se outros tipos de violência que deixam tão ou mais marcados os corpos, mentes e vivência de inúmeras mulheres espalhadas pela sociedade brasileira. Uma questão que precisa ser de pronto desmentida, e que influencia sobremaneira na forma com que se cria a imagem das mulheres dentro do tecido social, versa sobre o conceito de minoria. Tomando por parâmetro os dados coligidos pelo IBGE no último censo, o Brasil tinha em 2010 cerca de 93.406,990 homens, ao passo que 97.348, 809 eram mulheres. Ora, muito se fala que às mulheres estão dentro das chamadas minorias sociais, e um sem números de pessoas acreditam que esta minoria se explica na perspectiva quantitativa. O caso das mulheres dentro dessa perspectiva se assemelha aos casos dos pretos e pretas, adeptos de religiões que não a cristã, pessoas com orientação sexual diferente da que se entende normal, dentre outros. Minorias sociais portanto, não necessariamente implica

quantidade, mas sobretudo grupos que historicamente foram subalternizados (CARMO, 2016).

A lógica utilizada pelo sistema de dominação masculina para com mulheres, negros, LGBTQI+, atua fortemente no simbolismo. Embora muitos entendam que o simbolismo não pode exercer influência sobre a dinâmica social, autores consagrados como Davis (2017), Adiche (2015), dentre outros, defendem a tese de que as questões simbólicas influenciam sistematicamente nas relações sociais entre os agentes de uma mesma sociedade. Pierre Bourdieu (2018), chama de violência simbólica as ações em que determinado grupo social sofre por ter se acostumado a viver relações de dominação e desprestígio, que ao longo dos tempos se naturalizou.

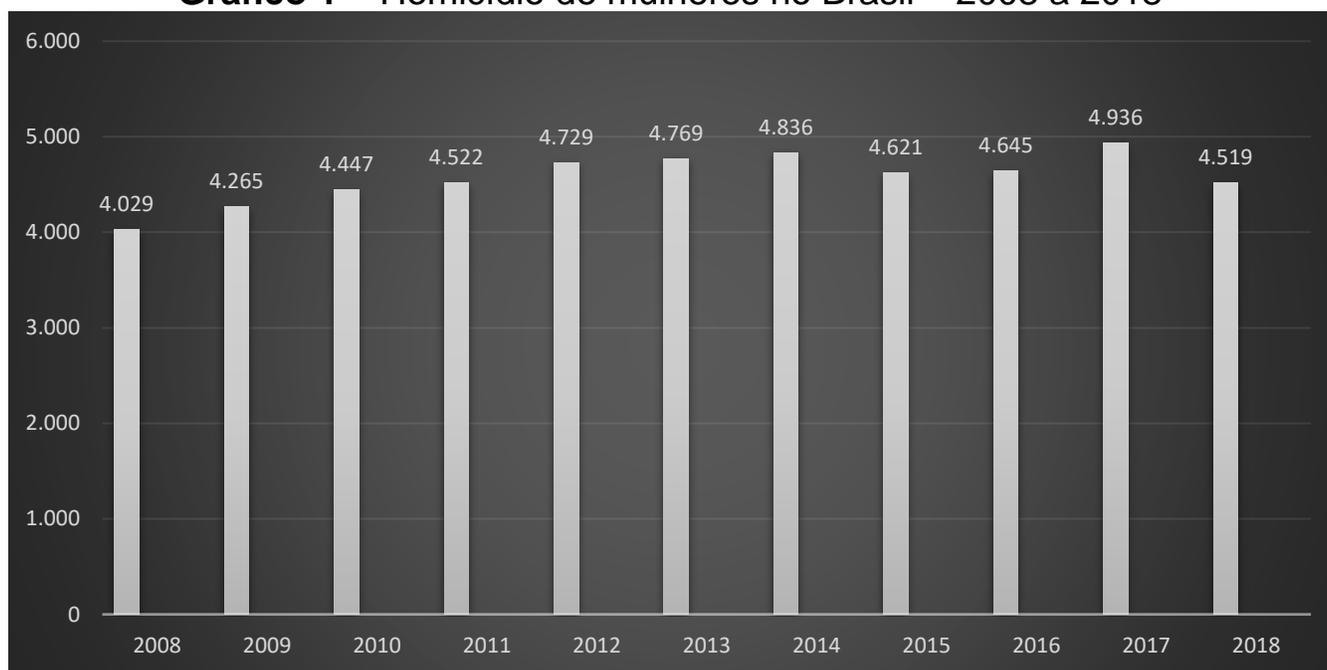
[...] o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se depois de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2018, p. 11-12).

De modo imperceptível, homens e mulheres reproduzem, até mesmo de forma involuntária, os mecanismos de dominação masculina. Tais mecanismos estão tão arraigados na dinâmica social, que nem nos damos conta da força e violência destas ideias criadas por quem almejava o poder. De uma sociedade que tem mais de 80% dos seus indivíduos professando a fé cristã, espera-se harmonia, união, benevolência, justiça, amabilidade, caridade, compaixão, dentre tantas outras virtudes ditas cristãs, entretanto, como se verá nos números a serem apresentados, a vida das mulheres na Terra de Santa Cruz, é bem diferente daquela que ensinou Jesus.

Dados obtidos no Atlas da Violência 2020 do IPEA revelam que em 2018, uma mulher foi morta a cada duas (2) horas no país, totalizando 4.519 vítimas. Em um recorte de tempo que compreende os anos de 2008 a 2018, observa-se um crescimento no número de homicídios de mulheres, tendo uma leve queda apenas entre 2014 e 2015, e entre 2017 e 2018, todavia, o elevado número de assassinatos de mulheres em uma década, alerta-nos de que a violência contra

a mulher, a despeito da facilidade do acesso à informação que se tem atualmente, é um mal que precisa ser combatido através de políticas públicas, campanhas governamentais, e um pacto social para extinguir tal prática.

**Gráfico 1 – Homicídio de mulheres no Brasil – 2008 a 2018**



**Fonte:** Atlas da violência, IPEA, 2020.

Outro tipo de violência bem acentuada dentro da sociedade, é a desigualdade baseada por gênero. Essa desigualdade vem de muito tempo, e retardou o processo de libertação e/ou empoderamento das mulheres. Como já mencionado neste estudo, a mulher possuía apenas um território em que podia estar mais a vontade, ou seja, o espaço doméstico; e isso não quer dizer que fosse majoritariamente livre, autônoma. A casa era para a mulher como à rua era para o homem. Esta ideia de que a mulher deveria ficar em casa, vem muito da questão em que se elegeu o ser social mulher como aquela que deveria exercer todo o cuidado com os filhos, bem como os mais velhos, agindo assim por uma moção natural, e não por uma imposição social.

Afirmar a existência de uma diferença que estrutura o comportamento das mulheres leva a um tipo de discurso que pode ser apropriado pelo antifeminismo, contribuindo para apresentar a posição subalterna das mulheres na sociedade como um efeito de suas escolhas autônomas. De alguma maneira, permite a atualização da velha percepção de que as posições de homens e mulheres refletem não a dominação, mas

pretensas inclinações naturais de um e outro sexo (MIGUEL, 2014, posição 1642).

Inúmeros séculos se passaram sem que a ordem social determinada por gênero fosse alterada. Embora houvesse movimentos com vistas a emancipação feminina ao longo da história, como das mulheres que marcharam sobre Versalhes durante a Revolução Francesa (HOBSBAWM, 2009), foi na Revolução Industrial que ocorreu um dos rompimentos das velhas práticas sociais, marcadamente entendidas como balisadoras comportamentais. Com a emergência de novos meios de produção, principalmente os movidos a vapor, fora requisitada mais mão de obra para os novos postos de trabalho que surgiam constantemente.

A mão de obra masculina não foi capaz de suprir as necessidades impostas pela nova dinâmica social vinda das máquinas à vapor, destarte, mulheres e crianças precisaram sair da esfera privada e ocuparem, também elas, postos de trabalhos outrora exclusivamente masculinos na esfera pública. Embora mulheres e crianças desempenhassem trabalhos pesados, suas recompensas em forma de salários, não chegavam a rivalizar com os vencimentos recebidos pelos homens. No entendimento popular, como era atribuição do homem sustentar a casa/família, o dinheiro que mulheres e crianças recebiam, servia apenas para complementar o salário do chefe da família (HOBSBAWM, 2009).

Esta é mais uma forma de violência que perdura até os nossos dias, qual seja, a não valorização do trabalho feminino por uma ilação de que a mulher não tem a obrigação de sustentar uma família. Em média, a mulher dispensa aproximadamente 73% a mais de horas entre trabalho formal (remunerado), e o trabalho não remunerado, que consiste em cuidar dos afazeres domésticos que implica uma gama extensa de atividades. Em levantamento feito pelo IBGE no ano de 2016, a mulher em média gastou 18,1 horas com afazeres, enquanto o homem passou 10 horas em alguma atividade laboral. Ainda segundo o mesmo estudo, se fossemos pegar por regiões do país, a Região Nordeste é onde a mulher dispensa mais horas de trabalho em comparação com os homens; são cerca de 80% a mais de horas trabalhando (IBGE, 2018).

Temos ainda, e não se pode ignorar esta realidade, o recorte racial dentro da estrutura social, algo que no Brasil faz toda a diferença ao se analisar dados de pesquisas com a sociedade. O número de homicídios de mulheres pretas e pardas, no mesmo recorte temporal de dez (10) anos, ou seja, de 2008 a 2018, é bem superior ao número de homicídios no mesmo período de mulheres não pretas e pardas. Enquanto aquelas tiveram 31.054 de vítimas fatais, essas contabilizaram 17.173 óbitos (IPEA, 2019).

A questão racial é um embróglio que se arrasta desde quando pessoas vindas de África, por ocasião da diáspora negra, foram introduzidas em nosso país. Tão logo o povo preto pisou no Brasil, deu-se início aos tempos de grande dor, solidão, apagamento histórico. Se para o homem preto a situação é ruim, para a mulher preta consegue ser pior. Quando Beauvoir (2016, p. 18) sugere que “a mulher é o outro do homem”, ela falava da mulher que fazia parte do seu universo social. Djamila Ribeiro (2017), resignificando esta frase, afirma que a mulher preta é a outra do outro, ou seja, na hierarquia social, as mulheres pretas ainda vêm depois das mulheres brancas. A questão racial é uma temática cara, que não pode ser desprezada nem tratada como importação de problemas sociais vindas de outros países. É preciso, como vem ocorrendo nos últimos anos, que mais estudos sejam realizados, e que a sociedade seja confrontada permanentemente com dados que são alarmantes.

Destarte, antes de concluir esta análise embrionária sobre a desigualdade de gênero na sociedade brasileira, é necessário dissertar sobre uma forma de violência contra a mulher que infelizmente ainda ouvimos muitos relatos. O assédio sexual, a importunação sexual e o estupro, são práticas exercidas por homens, geralmente familiares, e que, de forma inacreditável, suscita defensores dentro da sociedade brasileira. Houve no Brasil, em menos de uma década, episódios de estupro que, ao invés de gerar discussões voltadas a punir os acusados e proteger as vítimas, gerou uma divisão nacional entre quem se preocupava com a situação das vítimas, e quem se questionavam sobre qual roupa a vítima estava usando, e o que ela fazia em um local cheio de homens.

O sistema de dominação criado pelo homem e para o bem do homem propagou uma realidade ilusória na sociedade, de que o homem pode tudo. Ao criarmos meninos e meninas, observa-se como esta realidade ilusória é forte (coersitiva), e como isso vai influenciar a vida dos agentes sociais anos depois. Quando elencamos, enquanto sociedade, uma série de restrições para as meninas (não pode correr; menina não sobe em árvore; tem que aprender a cozinhar para agradar o marido; não sente de perna aberta; não pode brincar de bola; não pode se sujar; menina não sai à noite, dentre outras), e uma gama de liberdade para os meninos (namore todas as meninas; pode beber; é normal mexer com mulheres na rua; não precisa aprender a cozinhar; etc.), estamos certificando que, a despeito de sermos reconhecidos igualmente pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), temos características sociais diferenciadas devido ao gênero.

O homem não precisa se justificar para fazer o que a sociedade entende ser coisa de homem, ao contrário da mulher que só obteve o direito ao voto no Brasil na década de 1930, por exemplo. Quando um homem observa uma mulher vestida

da forma que ele entende ser provocante, há quem se ache no direito de importuná-la pelo simples fato de ser homem. A roupa curta, a unha pintada de vermelho, o batom forte, a blusa decotada, uma dança na balada, o consumo de bebida alcoólica, a liberdade de querer ficar com quem quiser, não faz da mulher um ser sem vontade, e pior, não faz de qualquer homem um ser desejável para ela.

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano base de 2018<sup>4</sup>, foram mais de 66.041 casos de violência sexual cometidos no Brasil, dentre os quais, pode-se destacar: 81,8% dos casos foram cometidos contra pessoas do sexo feminino; 53,8% dos casos com meninas de até 13 anos de idade (o que mostra o aspecto doentio desta prática, ao ponto de abusar de crianças); mulheres pretas foram 50,9%, enquanto as mulheres brancas totalizaram 48,5% deste universo. Cerca de três quartos das vítimas conhecem seus agressores, o que torna a análise ainda mais revoltante. Quem deveria proteger e amar, em sua maioria, são os que abusam de meninas, meninos e mulheres. Também já ouvimos casos de abusos sexuais cometidos por agentes religiosos, e essa não é uma prerrogativa apenas dos cristãos (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018).

Baseando-se nos dados trazidos para esta análise embrionária, entendendo que ainda faltam muito mais números para termos uma dimensão macro sobre a situação da mulher na sociedade brasileira, e sem a intenção de esgotar a discussão nestas laudas, percebe-se que a sociedade, a despeito de ter um grande contingente de cristãos declarados, comunga de uma das mais antigas e perversas práticas discriminatória, qual seja, a divisão social por gênero, e não apenas, o discurso e até mesmo os atos androcêntricos que vitimam milhares de mulheres por ano, seja física, moral e/ou psicologicamente.

Falta-nos como sociedade, e isso independe de crença religiosa, nos empenhar na elaboração de políticas públicas que visem combater toda e qualquer forma de discriminação, em vistas à construção de uma sociedade equânime, consciente e progressista. É preciso que nossas casas legislativas tenham mais cores, para além de homens brancos, héteros e cristãos, ou seja: pretas e pretos, LGBTQI+, pobres, mulheres, trabalhadores rurais, indígenas, jovens, metalúrgicos, idosos, macumbeiros, idosas, ateus, dentre outros agentes sociais, para que haja uma verdadeira representatividade na vivência plural da população brasileira.

---

<sup>4</sup> <https://forumseguranca.org.br/estatisticas/>

Urde a necessidade de se ter mais vozes de grupos marginalizados no parlamento. Em pleno século XXI, de acordo com informações do relatório sobre gênero do IBGE (2018), apenas 10,5% dos assentos da Câmara dos Deputados são ocupados por mulheres. Embora tenha havido uma mulher ocupando o cargo mais alto da República, é de conhecimento mútuo a forma pela qual ela foi enxotada para fora da Presidência, por meio de um golpe arquitetado, viabilizado e executado por ventustos senhores de diversos meios de poder dentro do país, não apenas da esfera política. Mostrando a latente misogenia que impera nas relações sociais em nossa sociedade, a presidenta Dilma R. teve sua imagem vilipendiada muitas vezes em carros e postos de gasolina, sendo retrada em posição ginecológica.

#### 4 Considerações Finais

Na dinâmica social imposta pelo sistema de dominação do homem sobre a mulher, é notório a desigualdade promovida pelo fator gênero. Entende-se que a desigualdade de gênero se mostra como parâmetro divisor dentro da sociedade, porém não o único. Orbitando nos conceitos de violência simbólica, o racismo, a homofobia, a xenofobia, o sexismo e toda sorte de mecanismos segregador social, somam-se a desigualdade de gênero no rol de rupturais que são necessários. Pensar o rompimento com tais mecanismos de dominação/poder, requer uma articulação entre os agentes sociais que são preteridos. Angela Davis (2017), Djamilia Ribeiro (2017), Carla Akotierene (2019), chamam essa articulação de interseccionalidade, ou seja: temos um só inimigo, embora sejamos muitos oprimidos; a luta das mulheres, dos LGBTQI+, dos refugiados, dos pretos e pretas, dos sem terra e sem teto, dos pobres, trabalhadores, não é uma luta distinta: todos e todas têm um inimigo em comum.

Somos socializados desde tenra idade. Tão logo nascemos, já somos conduzidos ao primeiro símbolo de socialização conhecido, ou seja: as vestimentas. A tradição cristã, na vertente católica, manda batizar as crianças logo cedo. Ora, se pode formar novos adeptos do cristianismo antes mesmo de terem idade suficiente para saberem o que estão fazendo, qual o problema de se educar desconstruindo cânones sociais que são sustentados pela força da tradição?

Embora haja na sociedade uma forma de deslegitimar o feminismo, elencando fatores que não esgotam sua definição, visando sua má reputação, é cada vez mais necessário criar meninos e meninas com os ideais feministas. E quais são esses ideais tão controversos na sociedade: igualdade entre os gêneros! A campanha de difamação do feminismo dá-se tão somente pelo fato de confrotar

a ordem estabelecida, tão solidamente difundida na sociedade por séculos e séculos.

Os números desfavoráveis às mulheres que tivemos acesso nesta análise (e são bem preliminares ainda), revela-nos o abismo que separa mulheres e homens em uma sociedade que praga valores de igualdade, fraternidade e comunhão. As palavras de Jesus não fizeram eco entre os seus seguidores, pleos menos as que versaram sobre igualdade. Não se cumpre uma doutrina pela metade, e isso é condição *sinequa non* para ter uma fidelidade que reivindica seguir. Não há a mínima condição de ser cristão, e preterir pobres, crianças, mulheres, estrangeiros, velhos; Jesus tinha preferência por eles.

É necessário seguir e continuar acreditando. Embora muitos acreditem que o sistema de dominação e exploração do homem e do capital sobre a mulher seja algo dado à sociedade, sabe-se que se trata de uma construção social, e como qualquer coisa que fora criado pela forma com que a sociedade vivencia o mundo (cultura), há um marco temporal, ou seja: da mesma forma com que foicriada, pode e deve ser extinta.

## Referências

**A BÍBLIA DE JERUSALÉM**: nova edição revista. São Paulo: Paulus, 2001.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes da. Os sistemas de representação judaico-cristã e o endereçamento de posições-de-sujeito femininas. **Madrágora** – Gênero, Fundamentalismo e Religião, São Paulo. n. 14, p. 73-79, 2008. Disponível em: <http://metodista.br/revistas/revistas-uns/index.php/MA/issue/View/63>. Acesso em: 03 jan. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CAMPOS, Andrea Almeida. As bruxas retornaram... cacem as bruxas! Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 104, jan. 2010. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspaçoAcademico/article/view/9151>. Acesso em: 06 jan. 2021.

CARMOS, Cláudio Márcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in) tolerância: uma relação linguística-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 64, p. 201-223, ago. 2016. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n64/0020-3874-rieb-64-0201.pdf>. Acesso em 05 jan. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitem tempo, 2017.

DELUMEAU, Jean. **História de medo no ocidente – 1300-1800**: umacidadesitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

DUBE, George. **Damas do século XII**: Heloísa, Isolda e outras damas no século XII. A lembrança das ancestrais. Eva e os padres. São Paulo: Companhia de Bolso, 1996. (*E-book*).

ENGELS, Friedrich. **Origem da família, da propriedade privada e do estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante Editora, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. – totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Estatísticas 2018**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/estatisticas/>

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018.

**HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA I**: do Império Romano ao ano mil. Paul Veyne (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010 – Religiões. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatística de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil, 2018. Disponível em:

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso em: 20dez. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência**: relatório IPEA sobre violência contra a mulher. Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/imagens/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://ipea.gov.br/portal/imagens/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf). Acesso em: 03 jan. 2021.

INSTITORIS, Heinrich. **O martelo dos feiticeiros**. Rio de Janeiro: Record (Rosa dos Tempos), 1997.

NARNAZ, Martha Giudice. **Submissão e resistência**: explodindo o discursopatriarcal da dominaçãofeminina. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Mestrado em Psicologia e Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MIGUEL, Luiz Felipe. A igualdade e a diferença. *In*: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luiz Felipe. (org.). **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014 (*E-book*).

PINTO, Sionite Sandra Portugal Frizzos. A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participantes do reino sob a perspectiva joanina. **Biblioteca digital de periódicos**, v. 2, n.2, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufpr.br/relegens/article/view/35565>. Acesso em: 05 jan. 2021.

PORTELA, Ludmila Noeme Santos. **O Malleus Maleficarum o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) –Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROUCHE, Michel. **História da vidaprivada**: do Império Romano aoano mil (Alta Idade Média Ocidental). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 403-532.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCARPIM, Fábio Augusto. Doisemuma carne: igreja e a sexualidadenahistória. **História: Questões& Debate**, Curitiba. v. 62, n. 1, p. 265-277, jan./jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v62i1.38590>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SIQUEIRA, Silvana Márcia Alves. **A mulher na visão de Tertuliana, Jerônimo e Agostinho, séc. IV-V d.C.** 2004. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103075>. Acesso em: 10 jan. 2021.

## Sobre a Autoria

### *Edilmar Alcântara dos Santos Junior*

Mestrando em Biblioteconomia, pelo Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bacharel em Biblioteconomia, pela UNIRIO. Graduando em Ciências Sociais, pela UFRJ.

[edilmaralcantara@gmail.com](mailto:edilmaralcantara@gmail.com)

Artigo submetido em: 16 abr. 2021.

Aceito em: 16 abr. 2021.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

**UFCA** UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Mestrado Profissional em Biblioteconomia  
Revista Folha de Rosto



✉ [folhaderosto@ufca.edu.br](mailto:folhaderosto@ufca.edu.br)

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.